

ENTREVISTA COM LUZIA

MORADORA E PARTICIPANTE DO MOVIMENTO DO CONJUNTO FERNÃO DIAS

DATA: 02/12/2021

LOCAL: PRESENCIAL

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Tiago

Josiany

Luzia

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

Lista de siglas:

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

ASP- Assessoria Social e Pesquisa

UMEI- Unidades Municipais de Educação Infantil

[Dados Gerais]

Giselle: Bom, então a gente tá aqui no Fernão Dias pra conversar com a Luzia no dia 2 de Dezembro [conversa sobre arranjo de iluminação no local da entrevista]. Ô Luzia, mas é isso mesmo a gente quer saber muito a história do seu envolvimento com essa questão da moradia aqui na cidade e da sua participação para construção do conjunto. Então, a primeira coisa que a gente queria era que você se apresentasse, quem é você, sua profissão, se quiser falar idade também, só pra gente deixar registrado, depois isso vira um formulário, mas os seus dados pessoais eles não são compartilhados, você pode ficar tranquila, segura a respeito disso. E depois eu queria que você contasse um pouco como você se envolveu nesse processo da construção do conjunto, mas até anterior à construção da luta por moradia na cidade, se você puder explicar pra gente.

Luzia: Meu nome é Luzia, eu tenho 52 anos. Eu acho que eu, junto com os outros moradores, fui uma das primeiras que a gente mudou pra cá. Assim que ficou pronto, a gente veio pra cá. Hoje sou do [?] social, hoje eu não tô trabalhando, tô do lar por enquanto, mas...

Giselle: Legal! E como você começou esse processo de participação dessas reuniões que culminaram na construção do Fernão Dias? **[Fase de mobilização]**

Luzia: Eu morava em outro bairro, lá em Venda Nova, no bairro Jardim Europa, e a minha irmã ela era presidente de uma associação de bairro e ela ficou sabendo dessa possibilidade de fazer inscrição, e eu fiz a inscrição na época e aí começou as reuniões lá na URBEL. A princípio, a gente não estava muito animado, nem acreditava e tudo, ia nas reuniões, meus filhos eram pequenos, trabalhava de dia e as reuniões eram sempre à noite, era muito difícil, mas assim, eu não desistia, como eu queria né...? Mas era um sonho bem distante... e foi indo. A gente ficou mais animado mesmo no mês que a gente veio aqui e conheceu o terreno. Meu marido não acreditava também, eu sempre acreditei, sempre quis ter uma casa. Eu morava no barracão da minha mãe, do lote da minha mãe, mas era diferente, não era minha, não era a minha casa. E aí meu marido não acreditava, porque as pessoas ficavam muitos anos esperando pra ser beneficiada, e muita gente não conseguia nem nada. Mas aí, quando a gente veio conhecer o terreno -teve uma reunião que foi no bairro São Paulo- a gente animou. A gente ficou 'ah é verdade'. E aí, ele animou também. Depois que a gente conheceu o terreno era né... um buraco assim. A gente ficou...eu fiquei muito feliz e ele também. A gente começou a acreditar. Nos mutirões mais era ele que vinha, porque eu trabalhava de segunda a sexta, e ele participava mais dos mutirões do que eu, eu vinha algumas vezes no mutirão. E foi vindo, foi construindo. Eu lembro que, quando eu vim aqui eu achei um máximo! Quando eu vi a janela, o mais importante foi a janela, porque eu morava no barracão e tinha uma janela de basculante e imaginava assim 'nossa essa é uma janelinha' ... né? Porque era pra pessoas de baixa renda e aí quando eu vi a janela, que era uma janela de alumínio, eu achei assim sabe...nossa eu vi que era uma moradia digna pra gente e eu fiquei muito feliz já. A gente mudou pra cá, era só rebocada as paredes, o piso grosso, uma pia, enfim... e aí mudamos, fomos [?] trabalhando e aí fomos arrumando da maneira que foi possível. Eu tenho sonhos de fazer melhorias e assim vamos caminhando.

Giselle: Ah bacana demais. Então teve esse envolvimento do seu marido. E mais alguém da sua família chegou a participar da autogestão?

Luzia: Acaba que todo mundo participa. Meus irmãos às vezes vinham com ele, final de semana, quando eu podia eu vinha também, aí acaba sendo um processo de toda a família. Meu irmão era pedreiro também na época, ajudou a rebocar antes da gente mudar.

Giselle: Ele chegou a ser contratado nas obras ou não? Ele vinha mais para ajudar vocês aqui no apartamento?

Luzia: Não, para ajudar a gente mesmo no apartamento.

Giselle: Hoje em dia, quantas pessoas que moram aqui com você? **[Dados gerais]**

Luzia: Na minha casa sou eu, minha filha e meu marido, só nós três. Eu tinha dois filhos, eles casaram há pouco tempo.

Giselle: Ah então era mais gente né? Cinco pessoas antes.

Luzia: Era mais gente, cinco pessoas, exato.

Giselle: Quem era a entidade que organizou o processo? Você lembra quem foi a pessoa que fazia essas organizações, assembleias, que estavam à frente?

Luzia: Geralmente era o Herval, ele veio pra cá e organizava as reuniões, estava à frente de tudo, olhava as questões de falta no mutirão, essas coisas assim.

Giselle: Entendi. E a associação era a associação de moradia do Fernão Dias mesmo né? Eu queria entender esse processo. Você disse que começou a participar das reuniões lá na URBEL e aí desse momento até vocês conquistarem o terreno aqui, como que foi esse processo? Chegou a ter votação para quem seria a diretoria, as lideranças?

Luzia: Depois que saí, que a gente né, que ficou certo que o terreno seria aqui, que a construção seria aqui, aí formou-se uma associação daqui, que era do residencial, onde o Herval, a Maria da Luz, eram presidentes e tudo, que lideravam essa associação.

Giselle: E você chegou a ocupar algum desses lugares de liderança?

Luzia: Não, não cheguei, não participei, [?] de mutirão, só moradora mesmo.

Giselle: Você era da associação como moradora?

Luzia: Eu era da associação como moradora.

Giselle: Entendi, beleza. Você já contou o bairro que você residia antes. Você falou que era uma residência de favor, era sua?

Luzia: Não, era o lote da minha mãe, tinha um barracão de aluguel, e eu morava lá, num desses barracões.

Giselle: Hoje em dia essa casa sua ela é própria, alugada, como que tá esse processo? Porque até a Helenice contou pra gente um pouco... Maria da Luz também, que ainda parece que algumas pessoas pagam as parcelas. **[Habitação]**

Luzia: Eu ainda não terminei de pagar, faltam ainda seis [?] pra gente terminar de pagar as prestações..

Giselle: E depois que paga, vocês recebem alguma documentação, você tem notícia disso?

Luzia: É, eles dão um documento pra gente...que né? Só que aí falou que, por exemplo, quem quisesse vender podia financiar com esse documento, enfim... mas algumas pessoas que receberam esse documento ainda não conseguiram o financiamento, porque querem vender, então eu não sei te falar com certeza qual é a validade desse documento.

Giselle: Entendi. Você me falou então que você recebeu a casa no reboco, no contra piso, e foi fazendo essas alterações de revestimento. Mas além disso, estou vendo aqui que tem essa abertura, como era essa casa original e o que você fez de alteração?

Luzia: Aqui eu quebrei essa parede, por exemplo, porque eu sempre gosto de pessoas, de receber pessoas, agora que eu tô meio desanimada. A cozinha ficava do lado de fora 'ah então vou quebrar aqui que a gente participa como um todo'. Então essa alteração foi a gente que fez, eu que fiz.

Giselle: E aí fez mais alguma coisa desse tipo ou o resto foi mais pintura e revestimento?

Luzia: Não, o resto foi só pintura mesmo e revestimento. A alteração que teve, na estrutura, foi só essa.

Giselle: E quem que realizou essa reforma?

Luzia: Meu marido, ele é pedreiro.

Giselle: Ah, então a família já trabalhava com construção [risos e momento de descontração].

Luzia: Aí ajuda bastante né? [risos]

Giselle: E você tinha algum tipo de formação relacionada a obra antes dos mutirões, antes de entrar no processo? Você já tinha trabalhado com construção civil? **[Fase de obra]**

Luzia: Não, não tinha e também não tive tanto interesse. Aí depois que a gente tem a casa a gente foi pesquisando mesmo 'ah eu quero uma parede assim' eu queria colocar uma grafiato, aqui você não usa grafiato porque todo mundo já tem, por exemplo. Aí eu olhei no google aí tinha de pedra 'ah eles vão colocar pedra' eu sugeri pra ele. Aí eu comprei as pedras e ele assim, porque pra casa é aquele ditado né? Casa de ferreiro, espeto de pau. Demorou-se anos para poder colocar essas pedrinhas aqui, por exemplo.

Roberto Eustaáquio: Ficou ótimo.

Luzia: E vai fazer. Foi fazendo devagar, tudo muito devagar como é até hoje, mas...

Giselle: A gente é arquiteto também sabe disso, é tudo diferente. 'Casa de arquiteto é toda arrumada e não é bem assim não [risos em momento de descontração].

Luzia: É, não é não né? Nossa, precisou de uma pintura tem que esperar agora quando der. A gente é por último, o último dos últimos.

Giselle: E vocês tiveram algum tipo de dificuldade, por exemplo, na abertura da parede, você sabe se eles tiveram alguma dificuldade, se tinha alguma restrição no que foi contado por exemplo pelos arquitetos, pelos engenheiros durante a obra, podia abrir mesmo?

Luzia: É, a gente pegou, pra fazer isso a gente... tinha o projeto. Aí tinha que cortar de acordo com as vigas e tudo e a gente teve o cuidado de olhar isso.

Giselle: E vocês lembram de ter o projeto então para fazer a intervenção?

Luzia: É, exatamente.

Giselle: Excelente. Hoje em dia, eu queria entender a sua relação com seus vizinhos de uma forma geral. Eu sei que na pandemia o contexto é diferente, as pessoas estão mais isoladas. Mas no geral, como é que é? Você se relaciona com as pessoas do conjunto, do residencial, como funciona? **[Relações de vizinhança e ações comunitárias]**

Luzia: Relaciona assim, acho que a gente arranjou uma grande família, a gente conhece todo mundo. Vieram muitos agregados que na época que estava no mutirão eram poucas pessoas.

Depois se estendeu muito, cresceu. Hoje tem apartamentos que são alugados, então essas pessoas que a gente não deve conhecer e ver de vista. Mas no geral, a gente convive e conhece todo mundo. Conhece assim de 'oi e tal', de saber onde que mora, qual bloco, qual apartamento, porque é mais de 20 anos convivendo juntos.

Giselle: Então você acha que tem diferença dessas pessoas que estavam desde o início da organização mesmo do movimento para conquistar a moradia, dessas pessoas que vieram depois? Você acha que é diferente assim?

Luzia: Com certeza, eu acho assim, que no princípio quando vieram, a gente pensou mesmo em ser uma família de fato, de atitude mesmo, de convívio maior, e era *mesmo*, uma harmonia muito grande. Só que aí depois vem filhos, vêm famílias que às vezes era só a mãe que vinha e quando mudou veio o pai, veio filhos, é outro contexto, são um monte de pessoas diferentes e a cada dia esse perfil muda muito de acordo com o pessoal, com o filho que casa e vem... os agregados que aparecem.

Giselle: Hoje em dia, ou mesmo antes da pandemia, tem alguma atividade como missa, alguma festa, alguma celebração, ou mesmo reuniões relacionadas às decisões do conjunto, que vocês fazem de uma forma geral com todo mundo ou não tem?

Luzia: A gente fazia, só que teve os [?]. Tinha missa, a dona Dulce, que faleceu, gostava de movimento, de fazer missa... a gente fazia... tinha terço nas casas. Hoje, diminuiu muito, a gente afastou muito, eu sinto que a gente está muito mais distante. A gente como morador, como vizinhos, entendeu? Mesmo antes da pandemia, na maioria assim, essas pessoas mais velhas, foram falecendo, foi mudando o perfil dos moradores, isso foi diminuindo e está diminuindo cada vez mais. Nós tínhamos grupos de orações que atuavam toda semana e isso praticamente acabou. Então, esse convívio diminui demais de acordo com o perfil que está vindo hoje em dia com os jovens que estão vindo, são outras atitudes.

Giselle: Você mencionou isso, que estava mudando esse perfil e mencionou também que alguns apartamentos hoje em dia são alugados. Quantos apartamentos mais ou menos você estima que fizeram essa mudança das pessoas originais para novas pessoas ou quantas pessoas participaram do movimento e que continuam, uma porcentagem, não precisa ser o número de pessoas certinho.

Luzia: Na verdade, a grande maioria continua. Igual estou te falando, continua com mais agregados, com muitas pessoas, mas a maioria continua. Hoje, em média, eu acredito que deve ter uns dez apartamentos alugados, nessa faixa, que essas pessoas alugaram.

Roberto Eustaáquio: Então seria uns 144?

Luzia: Isso, 144, então a grande maioria ainda continua.

Giselle: Ou a pessoa mesmo ou o parente né?

Luzia: Ou a pessoa mesmo ou um parente, exatamente.

[Fase de mobilização]

Giselle: Entendi, perfeito. Sobre o terreno, acho que foi a Maria da Luz que contou pra gente, que antes de ter esse terreno aqui que vocês construíram de fato, teve um outro terreno que a associação chegou a visitar num outro ponto do Fernão Dias. Você lembra dessa parte?

Luzia: É, eu lembro, eu fiquei sabendo. Era um terreno lá embaixo, mais perto do Minas Shopping, mas lá parece que tinha uma faixa de luz muito assim... aí optaram por esse terreno aqui.

Giselle: Entendi, mas você não lembra com detalhes, não chegou a participar dessa discussão?

Luzia: Não, nesse dia não cheguei a participar dessa discussão.

Giselle: E essas reuniões eram mensais, como que funcionava?

Luzia: Depois do terreno aqui?

Giselle: É, do terreno aqui.

Luzia: Eram praticamente semanais, porque as pessoas, na verdade até hoje, não tinham muito entendimento de como fazer, então cada um tinha ASP que ajudava a gente que era assessoria que ajudava também, mas a questão dos moradores acho que faltava... era cada um se ajudando. O Herval tinha mais noção, tomava a frente. Ajudava da maneira que podia, mas a noção exata de como fazer acho que fomos aprendendo depois, estamos aprendendo até hoje.

Giselle: Entendi. Na verdade, essas reuniões eram mais espaçadas, mais longas, as da Urbel, era de mês em mês, você lembra disso?

Luzia: Antes da gente mudar para cá?

Giselle: É, antes das reuniões do mutirão e tudo.

Luzia: Era de mês em mês, às vezes de 15 em 15 dias lá na URBEL.

Giselle: E na Urbel como que era isso? Tinha um representante da URBEL que falava com vocês?

Luzia: Tinha um representante que falava. Quando foi pra URBEL, que já se falava de um terreno, já era uma coisa mais certa a possibilidade de sair um terreno. Foram muitas reuniões antes de falar onde seria o terreno mesmo. A gente ia lá e falava: 'Ah vai ser em tal lugar'... não aprovava, o dinheiro não dava... até sair aqui mesmo, até optar por aqui mesmo.

Giselle: Perfeito. Você me disse que a assessoria técnica era a ASP, você lembra de vocês terem votado a escolha dela, ela apareceu, como que foi esse processo?

Luzia: Eu não me lembro, mas eu acredito que ela apareceu assim. Igual eu estou te falando, porque na verdade, a gente não tinha, até hoje, a gente vai aprendendo. Acho que ela apareceu junto com a Urbel, não sei se a URBEL indicou, eu não sei te falar com certeza como foi esse processo deles.

Giselle: Você chegou a participar da elaboração do projeto? Dessas decisões de, por exemplo, como seria esses apartamentos, das áreas externas, você lembra de ter participado de alguma coisa nesse sentido? **[Fase de projeto]**

Luzia: Muito pouco, eu lembro do estacionamento, que a gente sugeriu o estacionamento por exemplo e não foi acatado. E é igual eu estou te falando, acho que faltou para gente mesmo foi o entendimento, se a gente soubesse mesmo. Hoje, que a gente mora aqui, a gente tem um espaço de terra enorme vazio e não temos estacionamento, não temos um espaço para as crianças brincarem. Faltou organização pra gente que estava na frente, quem estava na frente não teve esse sentimento de organizar da melhor maneira, pensando num futuro pra gente, entendeu?

Giselle: Como que isso poderia ter sido melhorado lá naquele contexto? Você acha que essas pessoas que estavam na liderança elas teriam outras possibilidades de repassar as informações?

Luzia: Eu acredito que sim porque eles falavam e a gente na verdade acatava, sugestão da gente era muito pouca. A gente não tinha nem entendimento para estar argumentando também. Então, o que eles falavam a gente acreditava. E, na verdade, a gente estava tão feliz com a moradia, que a gente nem pensava tipo 'ah não, um planejamento melhor e maior', sabe?

Giselle: E foi mais ou menos quanto tempo desse movimento que você se reuniu lá e soube das reuniões e começou a participar da URBEL, até conquistar o terreno, você lembra mais ou menos quantos anos?

Luzia: Nossa, eu acho que foram... eu achei que foi até pouco, se não me engano foram uns três anos só, no meu caso, porque a maioria das pessoas já estavam a mais tempo.

Josiany: E aí esses três anos vocês ficaram se reunindo na URBEL?

Luzia: Isso, exatamente, às vezes de 15 em 15 dias, que às vezes tinha uma novidade: ah aparecia um terreno e falavam assim 'ah vai ser aprovado!', mas aí a verba não dava ou não dava certo.

Josiany: Pois é, o assunto dessas reuniões na Urbel era sempre relativo ao andamento?

Luzia: Ao andamento, exatamente.

Josiany: Não teve outro tipo de reunião?

Luzia: Aí quando saiu aqui, teve as reuniões na URBEL que falou mais ou menos de organização, como que era a moradia, morar em prédio, como podíamos nos organizar e tudo.

Josiany: Mas isso quando vocês já tinham um grupo certo de quem iria morar aqui?

Luzia: Exatamente.

Giselle: Você lembra nessas discussões com a ASP, nessas reuniões que vocês tinham, se alguma coisa foi modificada? Você mencionou a janela. Acho que foi a Maria da Luz que comentou com a gente que batalhou uma janela maior, tinha uma história dessa, você lembra dessas discussões?

Luzia: Eu não lembro muito. Como eu te falei, eu não participei muito do mutirão, eu participava das reuniões e tudo. Aí quando a gente teve certeza do terreno meu marido animou que viu que era fato e vinha, porque eu trabalhava e nos finais de semana que a gente tinha tempo de cuidar da minha casa e dos meus meninos. Então, esse desenvolvimento, com as reuniões, essa participação mais ativa com a ASP foi dele.

Giselle: Ótimo. Você lembra se ele chegou a participar de alguma coisa de capacitação para a obra? Você falou que ele já trabalhava com construção civil, mas teve alguma coisa nesse sentido, algum curso? **[Fase de obra]**

Luzia: Eu acho que teve final de semana que veio algum grupo assim, né? Para dar esse apoio, para orientar, uma orientação, acho que pode-se dizer assim o nome.

Giselle: Beleza. E em relação ao pessoal da ASP, também teve alguma coisa, ou mesmo do Herval, alguma organização no sentido de formação mais de política, de um entendimento da causa? Você lembra de alguma reunião nesse sentido, do por quê vocês estavam batalhando por moradia?

Luzia: Não, eu não lembro muito se eles se envolviam tanto. Acho que eles se envolviam mesmo foi a questão do apartamento mesmo, da construção em si, sabe?

[Conversa rápida com a Luzia para tranquilizá-la caso ela não lembrasse de alguma coisa ao ser questionada de 18:23 a 18:32]

Giselle: Você falou que foi o seu marido que participou mais ativamente da obra. Eu perguntei isso em relação, eu acho que foi ao seu irmão, mas ele não chegou a ser contratado para as obras não né? Ele veio só como um mutirante mesmo?

Luzia: É. Porque a gente vinha nos finais de semana, durante a semana tinha uma empresa que fazia. A gente vinha aos finais de semana, que era uma coisa mais tranquila, que era tirar os entulhos, limpar, plantar a grama, para essas coisas assim, para auxiliar mesmo.

Giselle: Esses serviços que eu queria entender mesmo. E tinha alguma diferença, por exemplo, das mulheres, das pessoas mais idosas em relação, por exemplo, aos homens mais jovens? Tinha alguma distinção durante os mutirões que você lembre? **[Fase de obra]**

Luzia: Tinha uma organização assim: as pessoas mais velhas às vezes serviam água, você fala nesse sentido?

Giselle: Isso, exatamente. Das tarefas.

Luzia: Sim, tinha sim. Tinha um grupo que entretinha as crianças, que ficava com as crianças, aí você organizava de acordo com a idade, com o perfil de cada um.

Giselle: E chegou a ter creche aqui para as crianças ou não?

Luzia: Não foi uma creche. Tem um espaço, um viveiro de passarinho, acho que ele autorizou, liberou que as crianças podiam ficar lá. Aí ficava lá um grupo, entretinha essas crianças e na hora do almoço vinha e voltava para lá.

Josiany: Mas isso é um lugar que já existia?

Luzia: Existe até hoje, existia.

Josiany: Mas lá é uma creche é o que?

Luzia: Não, lá é um viveiro de passarinho. É uma área.

Josiany: Entendi. Aí alguém ficava cuidando?

Luzia: Aí tinha um grupo de mulheres que ficavam com essas crianças lá.

Roberto Eustaáquio: Nós passamos por esse...

Tiago: É, a associação do Curió.

Joisany: Ah é isso ?!

Luzia: É, ali na esquina, exatamente.

Giselle: Então, na verdade, o canteiro de vocês era maior do que o que virou o residencial né? Então tinha essa área externa. É externamente, não é?

Roberto Eustaáquio: [Inaudível] É ali pertinho. E é um lugar que parece ser muito gostoso.

Luzia: É, lá é gostoso.

Giselle: Interessante. Hoje em dia você tem algum vínculo com alguma entidade, com algum movimento? Não precisa ser só de moradia não, mas assim, você participa de alguma associação, alguma questão política que você se envolve mais ativamente? **[Relações de vizinhança e ações comunitárias]**

Luzia: Não, no momento não.

Giselle: Alguma associação religiosa também?

Luzia: Não.

Giselle: Quem que hoje administra o conjunto? Ou não existe uma administração? Acho que foi Maria da Luz e Helenice também que contaram pra gente de síndicos que existem nos blocos. Conta pra gente dessa organização.

Luzia: [inaudível] Nós estamos [?] de administração de blocos, que na verdade não é bloco, é um residencial. Mas assim as pessoas que aqui moram ainda não atinaram para isso, não tem uma noção, se pode se dizer assim que a gente é um residencial, que tem que ser administrado como um todo. Há pouco tempo a gente conseguiu um CNPJ, a gente veio aqui nos orientou falou que tinha que ter um síndico geral, que tinha que ser daqui, mas mesmo assim o pessoal não se convenceu e tudo. E aí ficou dividido assim: a gente tem uma pessoa que representa o CNPJ, porque tinha que ter um síndico geral, mas como não teve, nós optamos por essa pessoa, que é a Clé, que é a responsável pelo CNPJ. Mas todas as decisões a gente toma junto. Eu, por exemplo, sou síndica desse bloco aqui do 1A, 1B tem outro síndico e assim vai. O bloco 2 é que tem ela só de síndica.

Roberto Eustaáquio: Por exemplo, como que faz com a água? A água é do conjunto todo ou teve a [?] individual por bloco ou por apartamento?

Luzia: A água do bloco agora é individualizada, esse aqui é porque tem um pouquinho, mas o bloco A tem um tempinho mais que individualizou, o bloco C custou a aderir, porque achava que não podia funcionar, enfim. E a água externa é para todo mundo, a água externa e a luz externa.

Roberto Eustaáquio: Então tem um padrão da área externa e um padrão para cada...?

Luzia: Para cada apartamento hoje, do bloco, a gente individualizou.

Roberto Eustaáquio: Porque eu estou falando assim, porque em alguns lugares isso vira uma encrenca às vezes.

Luzia: Aqui até a gente chegar para individualizar essa água foi muito difícil. As pessoas não tinham entendimento 'ah é porque vai gastar mais' é muito complicado gente, só quem mora aqui... é muito difícil.

Roberto Eustaáquio: E parece que é o contrário. Quando individualiza gasta menos, né?

Luzia: Gasta menos. Eu falo pelo meu bloco aqui, por exemplo. Hoje o valor da água é... as pessoas têm o cuidado né? Quando tá pagando, sabe que paga, tem um cuidado, que não tinha antes. 'Ah todo mundo paga se eu pagar ou não', é muito difícil.

Roberto Eustaáquio: A prefeitura agora inclusive, para prédios novos, vai ter um hidrômetro por apartamento.

Luzia: Já está construindo assim né? Muito mais fácil.

Roberto Eustaáquio: Custa mais caro a instalação inicial, mas depois todo mundo percebeu que reduz o consumo de uma maneira geral. Porque nós vamos enfrentar uma crise d'água mais cedo ou mais tarde.

Luzia: É, verdade. Aqui a gente pagou por esse padrão individual. Cada morador pagou a empresa.

Roberto Eustaáquio: Cotizou?

Luzia: Isso, parcelou para os moradores de acordo com a necessidade de cada um. Mas assim, teve bloco que tem um ano mais ou menos que aderiu, porque foi assim difícil para se convencer que era a melhor solução.

Roberto Eustaáquio: São quantos blocos?

Luzia: São nove blocos.

Giselle: Ô Luzia, e hoje em dia, você identifica algum problema no conjunto?

Luzia: A gente tem muitos problemas. O que eu falo mesmo é falta de entendimento mesmo, de conhecimento, porque conviver com pessoas... Igual essa questão de síndico administrar. Essa questão de síndico morador, é muito complicado, porque isso leva para o pessoal, porque tem que ter toda a paciência, estar explicando... e se um não concorda, é muito complicado. Hoje, já se fala de colocar uma empresa, que eu, Luzia, acredito que seja a melhor solução para administrar. O que falta aqui são normas, não seguimos a norma. Aqui, é assim, cada síndico, cada representante de bloco, faz o que acha melhor, tenta fazer da maneira que acredita, e vamos caminhando, mas não é de maneira... de acordo com a lei, com as normas que regem o condomínio, entendeu? A gente não segue essas normas, não segue. E aí quando se fala de normas é muito complicado.

Roberto Eustaáquio: Mas por exemplo, com limpeza, como é que o arranjo?

Luzia: Para limpeza, aqui por exemplo, no bloco 1 a gente aderiu que era uma faxineira por bloco. Lá e limpava o bloco, uma limpava o bloco A, bloco B, bloco C. Só que o dia de limpar a lixeira às vezes não dava, aí era complicado. Aí a gente optou por uma só limpar os três blocos e as lixeiras, no caso aqui é terça feira, aí o bloco 2 lá é na quinta feira. Aí eu já acho que foi um ganho né?

Roberto Eustaáquio: E isso foi decidindo, experimentando e decidindo?

Luzia: Experimentando... entre a gente, vai experimentando entre a gente. E é o que eu falo, cada um hoje que administra tenta e faz o que acha melhor de acordo com o entendimento de cada um, com o envolvimento, e é paciência, explicando, entendendo, argumentando, até chegar a uma conclusão.

Roberto Eustaáquio: Mas deixa eu entender, só mais uma coisa, perdão, cada bloco tem o síndico. Tem uma hora que ajunta os nove síndicos numa assembleia?

Luzia: O bloco 1 aqui quem administra sou eu e mais duas moças. Aí as coisas internas desse bloco aqui, nós resolvemos aqui: eu, a Fabíola e Camila hoje. Aí quando é uma questão externa, nós vimos a questão de uma árvore que caiu ali por exemplo outro dia. Aí eu chamei o bombeiro, o bombeiro veio e retirou. Aí para a gente pagar a caçamba, que é uma coisa externa, divide entre os nove blocos. A gente tem um grupo de síndicos e aí a gente fica de ver 'ó gente vamos orçar a caçamba que deu X se alguém tiver o orçamento melhor'.

Roberto Eustaáquio: Tá, vocês são práticas. Define pelo whatsapp mesmo?

Luzia: É, a praticidade nem sempre existe, porque mesmo assim tudo tem dificuldade, tudo. Mas aí é assim que a gente tenta resolver. As coisas externas a gente resolve com os nove blocos, entendeu? Aí subdivide e paga cada pessoa, mas é tudo muito polêmico.

Josiany: Mas à medida que aparece um problema. Vocês não têm marcado uma reunião todo mês?

Luzia: Não, não tem. Nós tentamos fazer isso, mas não dá. Na hora das reuniões, um pode, outro não pode. A falta de concordância também, às vezes gera atrito uma reunião que era para ser produtiva. Acaba dando só atrito e não resolve nada. Então, a gente fez o grupo e assim vamos tentando caminhar.

Giselle: E você acha que tem diferença dessa experiência agora de vocês conviverem com mais pessoas que se mudaram depois, essas alterações dos aluguéis e tudo, em relação a quando vocês mudaram no início do conjunto? Agora é mais fácil ou mais difícil?

Luzia: É mais difícil. Eu acho que vai ficando cada vez mais difícil por causa do número maior de pessoas e justamente por falta de normas, as coisas não funcionam. Tem que ter normas, eu acredito nas normas, que vai fazer funcionar, porque tem que ser igual para todos independente porque 'aí eu sou síndica aqui eu acho que assim... e vou brigar por isso' a outra acha outra coisa. Tem que ter um senso comum: o que é certo é certo, o que pode para um... Enquanto a gente não chegar nesse consenso vai se andando, e eu acho assim aqui a gente tá de pé ainda por causa que ainda tem essas pessoas que ainda querem, cada um do seu jeito ainda acredita na melhoria. Mas

para ter uma melhora mesmo eu acredito que teria que ter mesmo uma empresa que chegasse com as... que fizesse se cumprir as normas, as regras.

Josiany: Mas você acha que o fato de vocês terem tido aquelas reuniões por tanto tempo, um mutirão, faz alguma diferença hoje em dia para isso?

Luzia: Eu acho que não fez, porque se fizesse a gente... foi se perdendo no caminho, sabe? Acho que foi se perdendo essas informações que passaram pra gente, sim. Num primeiro momento até foi, mas depois foi se perdendo e ficando pelo caminho. Foram mudando pessoas, mudando síndicos, e se perdendo.

Giselle: E você tem algum tipo de insegurança, medo, alguma tensão relacionada ao conjunto ou à localização do conjunto?

Luzia: É, a localização do conjunto aqui é muito boa, a gente sabe disso. A estrutura do apartamento eu acho ótima. É igual eu te falei, hoje em dia tem um... são vários jovens, a questão da droga aqui é muito grande. Essa geração que está vindo causa um certo... a gente fica meio receosa às vezes, sabe?

Giselle: Entendi, mas aí você me contou que a localização é boa. Por que ela é boa?

Luzia: Eu acho que nós somos privilegiados, acho não, tenho certeza. A gente mora em frente a um posto de saúde por exemplo, temos um supermercado perto, acesso à tudo.

Giselle: E já existia esse posto de saúde antes? Como que foi?

Luzia: Ele era lá embaixo, um pouquinho mais longe, mesmo assim era no São Marcos, mesmo assim era fácil e agora tá super fácil, porque é em frente a nossa casa.

Roberto Eustaáquio: Mas vocês fizeram algum movimento para ele vir para cá?

Luzia: Não, foi automático. É que a gente foi privilegiado mesmo.

Giselle: Não foram os moradores que se organizaram para batalhar por alguma coisa não?

Luzia: Não, para o posto não.

Giselle: E teve alguma coisa nesse sentido que vocês se juntaram e falaram 'ah a gente quer conquistar uma praça, um parque, alguma coisa na região'?

Luzia: Não... Esse parque aqui que foi um orçamento participativo, que eu e o Renan a gente pediu para fazer, só que foi aprovado, mas até então não começou a obra nem nada não.

Giselle: Mas me conta como que foi essa mobilização.

Luzia: Tinha o orçamento participativo, né? Aí algumas pessoas, lideranças aqui, já sabiam dessas reuniões que convocaram os moradores. A gente foi e votou nessa obra pra que fosse..., né? A gente ganhou a obra, mas o valor que está aprovado já faz um tempinho, mas começar mesmo não começou ainda não, já faz bem tempo.

Giselle: É, o orçamento participativo tem um passivo assim de obras que foram prometidas, digamos assim, conquistadas, pelo público, mas que ainda não tem recurso financeiro.

Luzia: Essa aqui está demorando muito. É, e tem outras prioridades, eu acredito que seja assim, né?

Giselle: Mas então teve esse momento que vocês se juntaram para batalhar isso. Tem mais ou menos quanto tempo?

Luzia: Ai não sei exatamente, mas tem mais de dez anos.

Giselle: Então tem bastante tempo. Mais no começo né?

Luzia: Sim, mais no começo.

Giselle: Entendi. E os seus deslocamentos, hoje em dia, aqui, são mais de carro, a pé, ônibus, como que você faz essas idas para o supermercado, para as coisas do dia a dia mesmo?

Luzia: Para o supermercado a gente vai a pé, porque é muito próximo. O posto médico também é próximo, para a cidade que a gente vai às vezes mesmo de ônibus, na grande maioria essa facilidade do Uber, da 99, a gente prefere, tem essa preferência e assim vamos andando. Temos duas linhas de ônibus, que é o 3501 e o amarelinho, que é o circular, então assim é tranquilo.

Giselle: Quanto tempo você demora para se deslocar até o supermercado a pé?

Luzia: Cinco minutos, no máximo dez.

Giselle: A Padaria também está perto?

Luzia: É, padaria e o supermercado são em frente um ao outro.

Giselle: Posto você já falou, que é do outro lado da rua literalmente, né?[risos em momento de descontração]

Luzia: Literalmente.

Giselle: E as pessoas que têm crianças, levam para a escola, é próxima, creche?

Luzia: É próxima também. A gente tem também o privilégio de ter uma UMEI bem próxima. Tem a escola ali, escola grande, até a oitava série, e temos também a UMEI que construiu a pouco tempo, pertinho aqui também, na nossa esquina.

Giselle: Hoje a sua visão é essa. Mas e quando vocês se mudaram para cá? Antes de ter todas essas coisas. Você considerava que o conjunto também era bem localizado, naquele momento que vocês receberam as chaves?

Luzia: Ô moça, desde que eu conheci aqui achei que era perfeito, sempre achei. Desde o dia em que eu vim aqui conhecer o terreno eu achei tudo lindo e só tinha mato. Na minha visão, eu, Luzia, sempre achei muito bom e melhorou muito rápido questão de... a rua, pavimentação. A gente mudou, tinha uma rua cheia de buracos. Rapidinho eles pavimentaram a rua e foi crescendo. Eu, assim, acho que sempre foi bom, só melhora.

Giselle: E você lembra se esse terreno foi doado pela Prefeitura ou se foi comprado, fez parte do financiamento? **[Fase de mobilização]**

Luzia: Acho que não é doado. Até onde eu sei, se não me engano, parece que era uma dívida que a pessoa tinha com a prefeitura.

Roberto Eustaáquio: Ah foi recebido como uma dívida?

Luzia: Eu acredito que sim. E a gente teve dificuldade de vir pra cá também, porque a grande maioria dos moradores daqui são pessoas de posse, não queria que construísse o conjunto aqui, chegaram até fazer baixo assinado para a gente não vir pra cá, enfim, porque baixa renda aqui nesse pedacinho só a gente mesmo. Aquelas casas, só umas mansões ali pra cima.

Roberto Eustaáquio: Mas teve animosidade?

Luzia: Chegaram a fazer baixo assinado. Parece que tem um juiz que mora aqui até hoje que não concordava... né? Que se criasse um conjunto habitacional aqui, então teve esses empecilhos assim.

Giselle: E como foi essa organização de vocês contrário a isso?

Luzia: Na verdade foi a prefeitura mesmo que tomou frente disso. A prefeitura mesmo que participou, que resolveu com eles. Não teve muito isso em parte de a gente com os moradores não.

Giselle: Ótimo. Como que era a relação, não sei se você lembra, porque você não participou tanto dos mutirões, a sua relação, por exemplo, com o pessoal da assessoria técnica, lá da ASP, você lembra se era uma boa relação?

Luzia: É, eles eram muito simpáticos, a Vera, o Gutenberg, eram super simpáticos, era uma relação tranquila, dentro do entendimento da gente, da necessidade da gente naquele momento.

Giselle: E em relação ao poder público? Prefeitura, URBEL, como era essa comunicação também? Você entende de maneira mais positiva ou mais negativa, o diálogo? **[Fase de obra]**

Luzia: Eu acho que era tranquilo. A URBEL também assessorou muita gente no começo sim, assessorava a gente de maneira muito interessante.

Giselle: E com o pessoal do Herval, que era liderança e tudo, como você acha, sua visão, em relação aos moradores que não estavam nessa posição da diretoria, da coordenação, e em relação a eles que estavam nessa posição? Você acha que era uma boa relação?

Luzia: Era uma relação tipo submissão mesmo, porque a gente não tinha entendimento. O Herval, dentro do conhecimento dele, ele fala muito bem, tem poder de falar, isso faz toda a diferença diante da gente, de todo o pessoal que não tinha noção de nada, de como era moradia, de como era morar em prédio, como até hoje não tem totalmente. Até hoje a gente não tem mesmo essa visão, porque se a gente tivesse a gente já tava em outra dimensão, se a grande maioria tivesse, né? Então ele falava e as pessoas acatavam, a grande maioria acatava. Enfim, não tinha muito entendimento não. A gente era coadjuvante, ele falava e a gente escutava.

Josiany: Mas nunca chegou a ter um conflito, alguma coisa?

Luzia: Ah, tiveram vários. Discordâncias, de não concordar com as coisas, várias coisas, vários conflitos assim.

Roberto Eustaáquio: Ah mas isso é normal, que é da discussão né?

Luzia: É, até então. Mas nada assim mais sério.

Giselle: E essa ideia da autogestão, que a gente sabe que tiveram os mutirões, mas pelo menos no nosso entendimento, é diferente mutirão e autogestão. Você lembra desse conceito *autogestão* aparecer nessas conversas? Produção por autogestão, autogestionária, alguém falava disso naquele momento? **[Pós ocupação]**

Luzia: Não, o que falava era que a gente tinha que vir para ajudar para diminuir mesmo os custos pra gente. Então, foi nesse sentido que sugeriam. Por isso que o pessoal da ASP sugeriu isso que podemos fazer isso, para diminuir os custos no final da obra.

Giselle: Então era mais dos mutirões, né?

Luzia: Dos mutirões, exatamente.

Giselle: Você lembra depois que o apartamento já estava entregue, que as pessoas já estavam morando aqui, algumas fazendo as reformas e tudo, se teve algum tipo de acompanhamento técnico? Pessoal da ASP voltou? Pessoal da Prefeitura voltou?

Luzia: Não.

Giselle: Cada um ficou no seu apartamento...?

Luzia: Cada um ficou no seu apartamento e foi se desenvolvendo.

Giselle: Primeira coisa: você aprendeu alguma coisa nesse processo? Das reuniões, desse envolvimento, mesmo do mutirão, das poucas vezes que você veio, você acha que aprendeu alguma coisa com isso?

Luzia: Eu acho que aprender a gente aprende todo dia com todo mundo, né? E vamos morrer sem saber nada, mas é interessante o envolvimento com as pessoas. Igual a gente, no começo, que eu te falei, a gente teve que ser uma grande família, a gente tinha uma união, porque era todo mundo muito feliz, muito animado e até hoje eu sou muito grata, a tudo, a Deus, por ter a moradia da gente. Então a gente aprendeu a ficar mais unido, é interessante. A gente aprende sim, aprendemos sim.

Roberto Eustaáquio: Deixa eu só... Porque teve uma frase que você falou 'o povo não sabia como morar em prédio'. Você acha que isso, você falou 'ainda tem gente que não saberia isso', mas você acha que em termos de quantidade, a maioria aprendeu ou a maioria não aprendeu? A convivência em condomínio, digamos assim.

Luzia: Eu acho que a convivência no condomínio até saber a maioria sabe, mas convém usar de maneira que... errada, entendeu? Por isso que eu acho que tinha que ter normas, porque acho que saber *saber* tem coisas que são lógicas, que são básicas, mas as pessoas às vezes preferem..

Roberto Eustaáquio: São mais individualistas?

Luzia: São mais individualistas, e por motivos próprios mesmo, frigir mesmo as leis, se assim pode dizer, a favor delas mesmos. Por isso que acho que onde tem normas, vai se cumprir 'não pode, não pode', mas aqui um pula dali, outro fala outra coisa, vai burlando ali. As vezes não é por que não sabe, mas é para se beneficiar a si próprio mesmo. Eu acho que a maioria é esse o entendimento mesmo, por não ter uma norma 'ah não vai dar nada mesmo, vai ficar por isso mesmo', entendeu? Eu vejo nesse sentido, nesse segmento assim.

Roberto Eustaáquio: ... Que não tem consequência?

Luzia: Não tem consequência, exatamente, é dessa maneira que eu vejo.

Roberto Eustaáquio: Entendi tudo.

Giselle: E você se sente satisfeita com esse processo? Muito satisfeita, pouco satisfeita, insatisfeita? Com o processo das reuniões, e com a obtenção da moradia dessa forma como foi? Porque existe uma outra modalidade que é receber a chave, mas não tem reunião, não tem conversa, que hoje em dia tem essa possibilidade. Outros programas da Prefeitura agem dessa forma. Vocês participaram mais do processo né, do processo?

Roberto Eustaáquio: Não tem envolvimento dos moradores.

Luzia: Eu acho... que eu me sinto satisfeita com esse envolvimento. Igual, muita gente desiste, mudou daqui 'ah porque ficou ruim' eu acho que por a gente ter esse movimento, que a gente insiste ainda. Igual a síndica aqui do meu bloco aqui, em casa ninguém gosta, meu marido não gosta, mas eu acho que a gente tem que tentar melhorar, porque se a gente abrir mão hoje ainda, só vai piorar eu acho que... eu sou satisfeita com... eu acho que isso, que o que fez a diferença, que ainda faz com que mesmo a gente não tendo uma administração igual eu estou te falando de uma empresa, que move a gente que ta na frente é esse sentimento de que a gente conseguiu lá atrás, da luta que foi, do envolvimento com as pessoas, do elo, que a gente criou um carinho com muitas pessoas, uma amizade com muitas pessoas aqui também. Eu acho que isso, hoje, que nos motiva, além, logicamente, de ser grato principalmente da moradia, mas esse convívio que a gente teve e manter esse vínculo. E vai se perdendo, igual a Helenice mesmo era umas das primeiras, ela se mudou daqui, então assim a gente fica muito triste, sabe? A gente está perdendo as pessoas que estavam com a gente e se a gente não firmar a gente vai acabando perdendo isso.

Giselle: E se hoje em dia você conhecesse alguém que precisasse de moradia, e tivesse uma opção desse processo ou um processo desses que você recebe a chave pronta, mas não tem discussão, não tem envolvimento, você indicaria esse processo da forma como você fez pra pessoas?

Luzia: Eu acho que a forma que a gente fez faltou esse entendimento, a forma como a gente fez é interessante por um lado por causa de um convívio e tudo mais, mas acho que faltou, igual a gente fala, as normas, porque onde a minha irmã mora foi assim, autogestão, mas lá já entrou...

Giselle: Qual que é o dela?

Luzia: Lá no bairro Lagoa. As normas lá já são... As pessoas já têm noção, mais coerência, já se entrou pra lá com normas, aqui a gente foi tentando criar normas, sabe? Com o decorrer do tempo.

Como se já, mesmo com esse envolvimento todo, mais desenvolvimento, mais formando, criando normas, regras, acho que as coisas funcionam. E quando recebe as chaves também não é ruim, mas geralmente também é com uma empresa, não tem tanto esse vínculo, e a gente teve esse vínculo de amizade que eu acho importante. Mas hoje em dia também, o povo não tá tendo esse convívio. Tem uma vizinha minha mesmo que morava aqui também, que mudou para um apartamento que ela tá achando estranho. Ela morou lá tem um ano, e ela não conhecia nem a síndica dela, então assim, é do entendimento de cada um. Tem gente que prefere esse contato, mas pra gente, pra mim, eu acho interessante esse contato, que faltou mesmo e falta aqui mesmo é norma, regra, sabe? Colocar em prática, a gente ter pego com isso.

Giselle: Vocês chegaram a visitar, nessa época lá das reuniões da Urbel e também da conquista do terreno algum outro conjunto que foi feito por essa modalidade, dos mutirões, da autogestão?

Luzia: Eu não fui não, mas acho que algumas pessoas foram, para conhecer apartamentos que estavam prontos.

Giselle: Então teve essa oportunidade de ir lá visitar?

Luzia: Isso, aí a gente recebeu muitas visitas aqui, mas aí eu não lembro de ter ido não.

Giselle: Luzia, assim, do questionário que a gente tinha preparado para você, tá feito. Se alguém tiver alguma questão. Uma coisa que a gente gostaria de saber é se você tem uma foto dessa época, das reuniões, dos mutirões?

Luzia: Não, eu não tenho.

Giselle: Aí uma coisa que a gente queria ver com você é se você autoriza a gente tirar umas fotos do apartamento, se você autorizar.

Luzia: Claro, fica à vontade, se eu puder ajudar, fica à vontade.

Fim da entrevista.